

Editorial

O que o leitor tem agora em mãos é uma edição excepcional. Ela é resultado do comprometimento do Conselho Editorial, em sua gestão 2013, com o enfrentamento de uma série de desafios que visam honrar o alto patamar de qualidade alçado pelos Conselhos anteriores e buscar o constante aprimoramento deste periódico.

Pode-se dizer que, nos últimos anos, *Temporalidades* vem se consolidando como uma publicação discente de referência, recebendo contribuições e mobilizando pareceristas de diferentes regiões geográficas do Brasil e ainda, eventualmente, de países estrangeiros. Esse processo, no entanto, não ficou imune a algumas dores de crescimento. Mesmo editando números relativamente grandes, chegando a publicar por número mais do que o mínimo de artigos exigido pela CAPES para o total do volume, era frequente que ficássemos com uma sobra de textos não publicados, a despeito de sua boa qualidade. Entendemos essa realidade como prejudicial aos autores que tão gentilmente nos confiavam sua produção e precisavam esperar longos meses para vê-la editada e publicada, principalmente àqueles que não têm espaço em periódicos de maior porte e aos quais a nossa missão editorial, como periódico discente, é especialmente dedicada.

Diante desse quadro, o Conselho Editorial gestão 2013 tomou a corajosa decisão de passar a editar não dois, mas três números por volume. Pretendemos, com isso, ampliar o espaço editorial para publicações discentes, contribuindo para a melhoria da produção e para o avanço do diálogo científico na área de História e afins.

A escolha da imagem da capa não se deu por acaso. A obra “Drawing Hands” (1948), do artista gráfico holandês Martius Cornelis Escher (1898-1972), mostra duas mãos desenhando a si próprias, projetando-se para fora do papel que lhes serve de suporte. Encaramos essa e as demais mudanças que estão por vir como importantes passos para a consolidação e reconhecimento de nosso periódico. Tal perspectiva não teria sido possível sem o árduo trabalho deste e de todos os Conselhos Editoriais anteriores. Trata-se de um trabalho feito a muitas mãos, com espírito de colaboração e aprendizado constantes. Acreditamos que os avanços observados desde a fundação de *Temporalidades* são o retrato do comprometimento dos alunos do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG com a manutenção de espaços de discussão acadêmica voltados para estudantes. Tal compromisso já apresenta novos frutos, como o Encontro de

Pesquisa em História (EPHIS), cuja segunda edição ocorreu no mês de junho na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, atraindo estudantes de graduação e pós-graduação de todo o Brasil e até mesmo de outros países. A constatação dessa realidade levou à escolha da imagem em questão como forma de saudar os colegas que participam e participaram dessa empreitada.

Confiantes de termos recebido das mãos dos Conselhos anteriores um projeto sólido e de excelência, e especialmente impulsionados pela recente classificação do periódico no estrato B3 da Avaliação Qualis/CAPES, o desafio da atual gestão é, mantendo o caráter discente da nossa *Temporalidades*, submetê-la aos padrões de qualidade estabelecidos para os periódicos dos mais altos estratos. Fica aqui registrado o nosso “muito obrigado” a todos os que nos antecederam e reafirmado o nosso comprometimento com os propósitos iniciais da revista. Outras novidades, como o aumento da dispersão geográfica e institucional dos membros do Conselho Consultivo, se farão sentir nesta e nas próximas edições.

O presente número é composto das contribuições aprovadas para publicação dentre aquelas que nos foram enviadas até o mês de abril de 2013¹. Excepcionalmente, por se tratar de uma edição de transição, ela não conta com um dossiê temático² e respectiva entrevista, o que, acreditamos, não prejudicou a qualidade da publicação, que apresenta uma rica diversidade de assuntos. No artigo “Quando se Rompe o Silêncio: o livro *As veias abertas da América Latina* e sua trajetória no Brasil”, o autor Alexandre Queiroz de Oliveira, graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo, analisa a forma como tal livro circulou no Brasil, tendo em vista a problemática em torno da relação entre Brasil e América Latina. Discorre-se sobre a razão do sucesso desse livro no Brasil, assim como as críticas por ele recebidas num recorte temporal que vai da década de 1960 à contemporaneidade.

O imaginário de “nação brasileira” anterior aos fatos ocorridos em 1889, associado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Exército, ao herói Tiradentes, à Bandeira Nacional e ao Hino da Pátria, é considerado por Edson Alexandre Santos Real, especialista em História e Culturas Políticas pela UFMG, por meio do texto “O nacionalismo na educação brasileira: a construção de uma pátria (1838-2009)”, como elemento importante para que a ideia de

¹ Por se tratar de uma edição de transição, esta vem a público, como se há de notar, com um inevitável atraso de alguns meses. Sugerimos aos Conselhos Editoriais futuros a publicação de seus números nos meses de maio, setembro e fevereiro, respectivamente, tornando a periodicidade quadrimestral, e não mais semestral.

² O dossiê temático “O que é teoria-metodologia da História? O lugar da teoria-metodologia no conhecimento histórico”, referente ao quadrimestre maio/agosto 2013, continua sendo preparado e tem publicação prevista já para o próximo mês de setembro.

pertencimento a um todo coletivo, em forma de “nação”, pudesse ser ampliado visando a implementação de um sentimento comum aos cidadãos brasileiros. As políticas educacionais do contexto, repassadas a parcela da população através das escolas, são consideradas pelo autor como principais veículos de promoção e difusão desses ideais.

No artigo “Integralismos: exame das teorias políticas do Integralismo Lusitano e a Ação Integralista Brasileira”, o doutorando da Universidade Federal Fluminense Felipe Azevedo Cazzeta faz exposição sobre os aspectos teóricos e as ideias políticas de dois movimentos identificados historicamente pelo seu caráter integralista: o Integralismo Lusitano (IL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB). Através da confrontação das especificidades dos contextos intelectuais vivenciados pelos autores integralistas e as vicissitudes da cena política, Felipe Cazzeta constrói a argumentação que sustenta, ao longo do texto, a questão principal que discute o tipo de integralismo presente nesses dois movimentos políticos e por que se denominavam dessa maneira.

Mariângela Célia Ramos Violante, graduanda pela Universidade Federal de São Paulo, no artigo “A Real Audiência da Prata e os fundamentos da justiça na América no século XVII”, analisa os procedimentos da Audiência da Prata a partir da observação de especificidades jurídico-administrativas da América seiscentista.

Em “O lugar dos semanários 'Acción' e 'Marcha' na difusão do latino-americanismo no Uruguai (1932-1945), Mateus Fávoro Reis, doutorando em História e Culturas Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais, faz uma densa reflexão, ainda que breve, acerca da difusão do ideário latino-americanista em contraposição ao do pan-americanismo a partir da análise dos semanários uruguaios mencionados no título.

No texto “Diplomacia e atuação intelectual: Alfonso Reyes e a embaixada mexicana no Brasil (1930-1936)”, Natally Vieira Dias, Professora Assistente do Departamento de História da UEM e doutoranda em História pela UFMG, analisa a atuação e estratégias de sociabilidade intelectual do embaixador do México no Brasil, Alfonso Reyes, no decorrer de seis anos da década de 1930. Para tanto, a autora lança mão do enfoque na promoção de seu ideal americanista no país, bem como nas aproximações e distanciamentos de seu latinoamericanismo no que refere à postura mexicana oficial.

“Longe de ser um agente neutro, ela [a revista *Veja*] se configura como sujeito ativo no processo histórico criando representações onde a construção textual tem a finalidade de transformar interpretações em fatos produzindo, assim, um simulacro sedutor da realidade.” É

dessa maneira que Queila Amaro Rodrigues da Silva, mestranda da Universidade Severino Sombra, inicia as primeiras páginas de seu artigo intitulado “A ‘democracia participativa e protagônica’ venezuelana: os pesquisadores e as representações pela *Veja*”. Em uma narrativa muito bem estruturada, Silva divide sua escrita em dois momentos distintos. No primeiro, a autora traz à tona os estudos produzidos nos ambientes acadêmicos sobre o governo de Chávez, mostrando a forma como essas pesquisas são embasadas por reflexões rigorosas. Já no segundo momento, a autora analisa 10 artigos produzidos pela revista entre os anos 1998 e 2002, indicando como esse periódico influencia na formação da opinião pública brasileira.

Sabrinne Cordeiro Barbosa da Silva e Luciana Borges Patroclo analisam folhetos de literatura de cordel em busca das representações acerca dos cangaceiros Antônio Silvino e Lampião veiculadas no Nordeste brasileiro. Para as autoras, os folhetos de cordel constituem importantes objetos de análise na medida em que possibilitam a apreensão de imagens construídas através do jogo dos versos, da utilização de estruturas narrativas que prendem a atenção do leitor e direcionam seu olhar, suscitando emoções. Antônio Silvino e Lampião são representados a partir de temas em comum como o assassinato não solucionado de seus pais, o desejo de vingança e a violência praticada pelos membros de seu bando. A percepção da figura do cangaceiro como um herói estaria vinculada à visão do sertanejo sofrido com o descaso do Estado, enquanto para aqueles que o repudiavam ele era apenas um bandido violento que buscava o próprio benefício. O artigo mostra como os cordéis representaram os cangaceiros ora como “bandidos”, ora como “justiceiros”. Para as autoras, os atos de violência praticados por Lampião teriam sido condenados pela violência injustificada, enquanto que as mortes praticadas por Silvino foram consideradas consequências da perseguição das forças policiais.

Tércio Veloso, mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, em “Do arraial à cidade: ocupação do espaço e dinâmica urbana na (re)construção de Mariana, Minas Gerais (1742-1747)”, busca lançar luz sobre as formas de atuação administrativa na configuração do espaço urbano das Minas Gerais setecentistas, partindo, sobretudo, de medidas tomadas pela Câmara de Mariana no intuito de reduzir os efeitos das enchentes do Ribeirão do Carmo sobre a população da vila, em meados do século XVIII.

Finalmente, é especialmente através dos matrimônios realizados no Congo pós-restaurado, sobretudo em meados do século XVIII, que o mestre pela Universidade de São Paulo, Thiago Clemêncio Sapede, analisa a sociedade local conguesa. Reverenciando os casamentos como uma ferramenta de manutenção da própria legitimidade das elites políticas do

Congo, Sapede narra que essas elites tinham o interesse em incorporar ritos e símbolos católicos apresentados pelos portugueses, mas com o objetivo de fortalecer o próprio poder local. Segundo o autor, é necessário que se entenda a agência ritual dos homens congueses para compreender o papel do catolicismo nessa região. No artigo intitulado “Agência ritual africana e a africanização do catolicismo no reino do Congo pós-restauração. 1769-1795”, o leitor encontrará ainda definições mais precisas acerca desses especialistas rituais no processo de catequese e nas práticas rituais católicas.

Com este número ricamente diversificado, como se verá, damos as boas vindas aos novos membros do Conselho Editorial, e desejamos a todos uma ótima leitura.

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2013.

Danilo Marques

Débora Cazolato

Fabiana Léo

Raul Lanari